

A INTERFONOLOGIA DOS RÓTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO ESPANHOL

BRAZILIAN PORTUGUESE AND SPANISH RHOTIC INTERPHONOLOGY

José Rodrigues de Mesquita Neto¹
Clerton Luiz Felix Barboza²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo comparar os sistemas fonológicos dos róticos do espanhol e do português brasileiro (PB), bem como discutir a interfonologia, envolvendo aprendizes brasileiros de espanhol língua estrangeira (ELE). Assim, a presente pesquisa parte da seguinte pergunta: de que maneira o sistema rótico do PB e do Espanhol interagem na construção da interfonologia de aprendizes brasileiros? A hipótese básica aponta que a construção da interfonologia dos róticos vai depender do dialeto do PB do aprendiz e, adicionalmente, pela posição fonotática em que os róticos são realizados. O trabalho é de cunho bibliográfico com base em autores como Cristóforo-Silva (2013), Bisol (2010) e Lima (2013) que tratam do sistema fonológico do PB, e Izquierdo (2010) e Fernández (2007) que tratam do sistema fonológico do espanhol. O artigo também discute autores cujo trabalho envolve a interfonologia dos róticos PB-espanhol, como é o caso de Silva (2007) e Carvalho (2004). Por fim, mencionamos também em Masip (2005) e Brisolara e Semino (2014) que fazem um estudo comparativo entre os sistemas fônicos do espanhol e do PB de maneira holística, enfatizando desafios, envolvendo a interfonologia desses sistemas.

Palavras-chave: Interfonologia rótica. Português Brasileiro. Espanhol como Língua Estrangeira.

ABSTRACT: This study has as its main objective to compare Brazilian Portuguese (BP) and Spanish rhotic systems, as well discussing the interphonology by Brazilian learners of Spanish as a foreign language (SFL). It tries to answer the research-question: how do BP and Spanish rhotic systems interact for the construction of Brazilian learners interphonology? Basic hypothesis indicates rhotic interphonology construction will depend on learner's BP dialect, as well as by its phonotactic realization. This a bibliographic research based on the findings of scholars such as Cristóforo-Silva (2013), Bisol (2010) and Lima (2013), which deal with BP phonological system, whilst Izquierdo (2010) and Fernández (2007) focus on Spanish phonology. The study also discusses researchers whose work involves BP-Spanish interphonology, such as Silva (2007) e Carvalho (2004). At last, the article focuses on the studies of Masip (2005) and Brisolara & Semino (2014) which deal with the phonological systems of both BP and Spanish in a holistic way, emphasizing interphonology challenges that may arise.

Keywords: Rhotic interphonology. Brazilian Portuguese. Spanish as a Foreign Language.

¹ Departamento de Letras Estrangeiras/Campus Avançado Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia/UERN/Pau dos Ferros; Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, UERN/Campus Central/Mossoró-RN; rodrigues_mesquita@hotmail.com

² Departamento de Letras Estrangeiras/Faculdade de Letras e Artes/UERN/Campus Central/Mossoró-RN; Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, UERN/Campus Central/Mossoró-RN; clertonluiz@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo comparar os sistemas fonológicos dos róticos do espanhol e do português brasileiro (PB), bem como discutir a interfonologia, envolvendo aprendizes brasileiros de espanhol língua estrangeira (ELE).

Assim, a presente pesquisa parte da seguinte pergunta: de que maneira o sistema rótico do PB e do Espanhol interagem na construção da interfonologia de aprendizes brasileiros? A hipótese básica aponta que a construção da interfonologia dos róticos vai depender do dialeto do PB do aprendiz, assim como da posição fonotática de realização.

Já se sabe que quanto mais um estudante aprofunda seus conhecimentos acerca dos sistemas fonológicos de sua língua materna e da língua estrangeira, melhor qualidade de realização dos sons da língua estrangeira ele terá.

Apesar das diferenças existentes entre a gramática fonológica do PB e do espanhol, é perceptível que um brasileiro aprende tais regras do espanhol sem muita dificuldade, principalmente no que se refere à comunicação. A semelhança advinda da irmandade das línguas (ambas originárias do latim vulgar), que é vista como uma vantagem - tanto para o docente quanto para o estudante no percurso de ensino e aprendizagem - também pode se tornar um “vilão”, quando a língua estrangeira é influenciada negativamente pela língua materna, neste caso específico, na realização da língua-alvo.

Para a realização desta investigação, a escolha dos róticos se justifica por eles: a) serem os fonemas que estudantes brasileiros do espanhol como língua estrangeira (ELE) apresentam maior dificuldade de produção; b) serem realizados em diferentes contextos fonotáticos; c) serem fonemas que atrapalham no ato da comunicação, pois interferem diretamente na inteligibilidade.

A pesquisa é de cunho bibliográfico, a partir das considerações de autores como Quilis (2010) e Fernández (2007) que tratam do sistema fonológico da língua espanhola; Cristófar-Silva (2013) e Callou & Leite (2002) que trazem o sistema fonológico do português brasileiro (PB), línguas que iremos comparar. Além disso, discutimos os trabalhos de autores que estudam diretamente a interfonologia rótica,

como é o caso de Silva (2007) e Carvalho (2004) que relatam a interfonologia dos róticos por aprendizes brasileiros de ELE.

Este trabalho está dividido em duas partes, além da introdução e conclusão. A primeira é responsável por apresentar os conceitos básicos da fonética e fonologia, ciências que são a base de nossos estudos e, em um segundo momento, como resultado do nosso objetivo, apresentamos um estudo comparativo entre os sistemas fonético-fonológico do PB e do espanhol, baseando-nos nos teóricos citados anteriormente.

2 FONÉTICA E FONOLOGIA

Apesar de basearmos o trabalho na Fonologia de Uso e no Modelo de Exemplos, pois acreditamos em uma realização indistinta entre o plano fonético-fonológico, mostraremos, a seguir, o que a fonologia tradicional e a gerativa trazem a respeito dos conceitos de fonética e fonologia, assim como de suas unidades de estudo.

Alguns linguistas pretenderam estudar a fonética e a fonologia como ciências independentes e tratá-las de forma separadas. No entanto, ao longo dos anos, passaram a vê-las como ciências indissociáveis, visto que uma serve de apoio a outra, uma é o complemento da outra, pois ambas estudam o som a partir de perspectivas diferentes.

A Fonologia tem como unidade de estudo o fonema que é “a menor unidade linguística, desprovida de significado, formada por traços distintivos”³ (QUILIS, 2010, p.10). Por sua vez, a Fonética tem o fone/alofone como unidade de estudo, pois estuda o som propriamente produzido, ou seja, o que falamos/escutamos. O fonema é abstrato, é o que pensamos, enquanto o fone é a realização do fonema. Com isso, Quilis & Fernández (1975, p. 6-7) afirmam que

(...) a fonética se ocupará do estudo do significante na fala – fenômeno físico perceptível pelo ouvido. A fonologia se ocupará do

³ Texto original: la unidad lingüística más pequeña, desprovista de significado, formada por un haz simultáneo de rasgos distintivos. (Todas as traduções são de responsabilidade dos autores).

estudo do significante na língua – regras que ordenam o aspecto fônico do ato da fala⁴.

Souza e Santos (2010, p.9) nos define as funções destas ciências como sendo:

A fonética trabalha com os sons propriamente ditos, como eles são produzidos, percebidos e que aspectos físicos estão envolvidos em sua produção. A fonologia opera com a função e organização desses sons em sistemas.

Câmara Jr. (1998) salienta a importância em conhecer a diferença existente entre letra, fonema e fone, uma vez que “o fonema é um conceito de língua oral e não se confunde com a letra, na língua escrita” (p.34). Como sabemos, um mesmo fonema pode representar grafemas diferentes. O fonema é representado entre barras, por exemplo /r/, diferenciando-se do grafema <r> ou do fone que deve ser transcrito entre colchetes [r]. Ainda sobre o fone, o autor nos leva para o conceito de alofone que também deverá ser representado entre colchetes. Alofones também podem ser chamados de “variantes”. Ele é o responsável pelo que conhecemos como “sotaque”, ou seja, encontra-se associado ao significante (fonética), deixando inalterado o significado (fonologia). De acordo com Callou & Leite (2003, p. 37)

O fonema é um som que, dentro de um sistema fônico determinado, tem um valor diferenciador entre dois vocábulos. A realização fônica em si vai interessar à fonética, à fonologia interessa a oposição dos sons dentro do contexto de uma língua dada.

Cada membro de uma comunidade linguística apresenta suas características próprias que o identifica. No entanto, a coletividade linguística está marcada pela língua, estreitamente relacionada com um sistema composto por toda uma gramática fonológica compartilhada, mas apresenta variação significativa no plano individual, regional, etário etc.

Assim, é a fonologia a responsável pelo estudo dos fonemas. Os fonemas de uma língua são limitados e apresentam uma função simbólica. Na língua espanhola, segundo Brisolara e Simino (2014), existem 2 sistemas fonológicos consonânticos. O sistema fonológico do espanhol peninsular é composto por 19 fonemas consonantais, enquanto o sistema consonantal hispano-americano é composto por

⁴ (...) la fonética se ocupará del estudio del significante en el habla – fenómeno físico perceptible por el oído. La fonología se ocupará del estudio del significante en la lengua – reglas que ordenan el aspecto fónico del acto de habla.

17 fonemas consonantais. Adicionalmente, ambos os sistemas apresentam 5 fonemas vocálicos. Os róticos, que são os fonemas analisados nessa pesquisa, estão presente nos dois subsistemas. Com relação ao PB, as autoras afirmam que este é composto por 26 fonemas, sendo 19 fonemas consonânticos e 7 fonemas vocálicos.

De acordo com Fernández (2007), a fonética se divide em fonética articulatória, fonética acústica e fonética auditiva. A fonética articulatória estuda a produção do som desde o ponto de vista fisiológico, a partir da ação dos órgãos articulatórios do ser humano. Descreve e analisa o funcionamento do aparelho produtor dos sons. A fonética acústica estuda a onda sonora, ou seja, estuda o sinal acústico desde sua produção até chegar ao ouvido. Já a auditiva, também chamada de fonética perceptiva, ocupa-se de verificar como as pessoas recebem (percebem, processam e interpretam) o sinal acústico. Para D’Introno et al. (1995) esses ramos correspondem aos três momentos do ato comunicativo: emissão, transmissão e recepção.

Além dos três ramos apresentados, Cristóforo-Silva (2013) traz a fonética instrumental que é o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos de laboratórios. Romero (2008) enriquece a discussão ao afirmar que a fonética também pode se classificar em fonética contrastiva, ao permitir a comparação articulatória, acústica e auditiva dos fones associados à realização de duas línguas.

Este trabalho, por se tratar de um estudo bibliográfico e com função comparativa, caminha basicamente entre a fonética articulatória e contrastiva. No entanto, deixamos claro que alguns dos autores lidos, tais como Carvalho (2004) e Jurado & Amalia (2005) apresentam diversos trabalhos na área da fonética acústica. Adicionalmente, Cavaliere (2005, p.26) afirma que a fonética acústica tem grande contribuição no ensino de línguas estrangeira e que “estabelece padrões de percepção dos sons de dada língua pelo ouvido de um falante nativo e de um falante estrangeiro”.

Faz-se necessário comentar ainda que são poucos os estudos, no Brasil, que tratam da interfonologia entre o PB e o espanhol a partir de uma perspectiva acústica. Para Quilis (1981, p.10), a única fonética que se costuma abordar, na

maioria dos trabalhos, é a articulatória, sendo normalmente apresentada “de modo pobre e com graves equívocos”.

Na seção a seguir, falaremos sobre os róticos, mostrando alguns dos estudos existentes envolvendo sua realização.

2.1 Os róticos

Apesar da existência de um consenso que o estudo das inúmeras variações do /R/⁵ e de seus contextos de ocorrência é uma questão complexa, tentaremos definir o que são os fonemas róticos.

Os sons róticos são comuns em várias línguas do mundo (LADEFOGED; MADDIESON, 1996). Segundo Maddieson (1984), em torno de 75% das línguas existentes apresentam alguma forma desse fonema, caso do PB e do espanhol.

As consoantes róticas podem apresentar grande variação de produção, variando desde presença ou ausência de sonoridade, até ponto e modo articulatorios. Segundo Ladefoged & Maddieson (1996), os róticos são aqueles representados ortograficamente pelo grafema <r> e podem ser produzidos por meio de diferentes modos de articulação, tais como trills, tepes, fricativas e aproximantes, e são articulados em vários pontos do aparelho fonador, desde a glote até os alvéolos.

Fernández (2007) afirma que os róticos são os sons que tanto nativos da língua espanhola quanto aprendizes estrangeiros apresentam maior dificuldades de aquisição.

Jakobson (1941,1968) afirma que dentre as líquidas, a não-lateral é a última a ser adquirida pelas crianças e a primeira a ser perdida nos casos de afasia, o que demonstra sua maior complexidade se comparada às líquidas laterais.

Silva (1996) explica que os róticos são sons muito frequentes nas línguas e a sua articulação, semelhante às laterais // e //l/, acarreta a troca rotineira entre esses sons. Pela semelhança de articulação, ambas são denominadas, na literatura fonética-fonológica, como líquidas. Um exemplo clássico dessa troca entre a vibrante e a lateral, dentro da literatura infantil das revistas infantis no Brasil, é o

⁵ O símbolo representado em maiúscula e entre barras é chamado de arquifonema. Uma das características dos arquifonemas são as distintas realizações fonéticas.

Cebolinha, personagem da turma da Mônica cuja fala é marcada por um desvio fonológico.

A seguir, mostraremos, em diferentes seções, as possíveis realizações dos róticos do PB (2.1.1) e do espanhol (2.1.2).

2.1.1 Os róticos no PB

Muitos autores afirmam que existem apenas dois sons róticos no português brasileiro, denominados, em geral, de forte e de fraco. No entanto, mostraremos a seguir o que alguns autores, tais como Amaral (1922), Nascentes (1953), Callou & Leite (2002) e Bisol (2010), trazem sobre os róticos e suas realizações no PB. Vale salientar que algumas das pesquisas apontadas não se detêm ao estudo dessas consoantes. Porém, para este trabalho, vamos explorar somente o que está relacionado com esses fonemas.

Podemos encontrar o rótico em diferentes contextos fônicos: posição pré-vocálica (onset absoluto), posição pós-vocálica, grupos consonânticos e em posição intervocálica.

Sobre a noção de variantes ou alofones, Câmara Jr. (2008, p. 37) afirma que “um mesmo fonema pode variar amplamente, na sua realização, conforme o ambiente fonético ou as peculiaridades do sujeito falante”. Quanto à variação do fonema /R/ este pode ser pronunciado como vibrante simples e múltipla, fricativa velar, uvular, aspirada e retroflexa.

Segundo Lima (2013), com relação a posição dos róticos, no PB, observa-se a ocorrência nos seguintes contextos linguísticos: (a) em onset ou início de palavra (CV), como em “rato”, (b) em codas (CVC), como em “amor”, “mar” e “carne”, (c) posição intervocálica (VCV), como em “maremoto” e “morena” e (d) em grupos consonânticos (CCV), como em “trigo”, “criar” e “troca”.

Notamos que em posição pré-vocálica, segundo os autores estudados, ocorre essencialmente uma realização fricativa no PB. Já a posição pós-vocálica é o contexto no qual encontraremos maior número de realizações. No Sul, por exemplo, Bisol (2010) observa que, nesta posição, há predomínio da vibrante simples. Callou & Leite (2002) notam um maior número de ocorrência de vibrantes simples em São Paulo e Porto Alegre do que no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, corroborando

Bisol (2010). Callou & Leite (2002) ainda encontram, nessa posição, à fricativa velar, que no Rio e Salvador apresentam percentuais maiores que em São Paulo e Porto Alegre, sendo baixíssimo o seu uso em Recife. Estudos sobre grupos consonânticos têm apontado que nesta posição há registro apenas da vibrante simples.

De acordo com Bisol (2010), as vibrantes opõem-se em posição intervocálica e pós-vocálica final, havendo maior número de oposições na posição intervocálica e menor na posição pós-vocálica.

Amaral (1920) foi o primeiro a tratar da descrição de um falar regional. Ele descreve o dialeto paulista, buscando a compreensão do que intitula dialeto caipira, que revela ser bastante característico da maioria da população, inclusive, estendendo-se à minoria culta. Com relação aos róticos, Amaral (1920) observa que o /R/ inter e pós-vocálico apresenta uma realização línguo-palatal e guturalizado, enfatizando que este som, associado ao dialeto caipira, se assemelha ao /r/ do inglês. Relata que o fonema lateral //, em final de sílaba ou em grupos consonânticos, se transforma em /R/. Considera, ainda, o apagamento do rótico em final de palavras.

Nascentes (1953), ao tratar do dialeto do Rio de Janeiro, encontra o apagamento do /R/ em final de sílaba. O autor afirma que o “R final tem pronúncia suave, leve, realizada pela classe culta, enquanto os pedantes as pronunciam mais fortes, de forma exagerada” (NASCENTES, 1953, p.51). Já no que diz respeito aos grupos consonânticos, observa-se haver manutenção do /R/ em sílabas tônicas e o seu apagamento nas átonas.

Câmara Jr. (1953) apresenta uma descrição e análise dos fonemas da Língua Portuguesa. Descreve um sistema de 19 consoantes e discute o problema da “líquida vibrante”, concluindo que a oposição /R/ forte versus /r/ fraco só se verifica em posição intervocálica.

Monaretto (2000), em seus estudos sobre o português do Rio Grande do Sul, observa a ocorrência do apagamento da vibrante pós-vocálica, especialmente no infinitivo da maioria dos verbos. Já Callou e Leite (2002) mostram as diferentes realizações do /R/ nos falares gaúcho e paulista, mencionando a realização da vibrante anterior, considerada padrão, e, outras, consideradas como realizações inovadoras: a aspiração ou ausência do segmento em final de verbos no infinitivo.

Quanto ao /R/ em posição pós-vocálica, as autoras consideram notória a tendência à alofonia dos fonemas, ocorrendo inclusive em várias línguas, “a posteriorização do ponto de articulação da consoante, acompanhada de um processo de enfraquecimento e perda, se em final de palavra” (CALLOU; LEITE, 2002, p. 43). Elas ainda apontam várias possibilidades de realização do rótico, tais como: uma vibrante ápico-alveolar, fricativa velar, aspiração e a tendência ao apagamento dos segmentos em posição de coda.

Cristófaros-Silva (2013) mostra 07 (sete) realizações róticas no PB, como no quadro 1.

QUADRO 1: Os róticos no PB segundo Cristófaros-Silva (2013, p. 37-40)

Símbolo	Classificação do segmento	Exemplos
X	Fricativa velar desvozeada	Rata, marra, mar, carta
ɣ	Fricativa velar vozeada	Carga
h	Fricativa, glotal desvozeada	Rata, marra, mar, carta
ɦ	Fricativa glotal vozeada	Carga
r	Tepe alveolar vozeado	Cara, prata, mar, carta
Ṛ	Vibrante alveolar vozeada	Rata, marra
ɺ	Retroflexa alveolar vozeada	Mar

Todavia, as modalidades articulatórias da consoante rótica são dependentes do falar regional e do contexto linguístico. Os róticos do PB podem ter até dez (10) realizações diferentes. Segundo Santos e Souza (2010), ocorrem as seguintes realizações:

- a) Velar [x, ɣ] que é aquele cuja produção se dá pelo “dorso da língua contra o véu palatino” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.20);
- b) Uvular [χ, ʁ] “são aqueles produzidos pelo dorso da língua contra o véu palatino e a úvula” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.20);
- c) Faringal [ħ, ʕ] são aqueles produzidos “pela raiz da língua contra a parede posterior da faringe” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.20);
- d) Glotal [h, ɦ] que “são os sons produzidos pelas cordas vocais” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.21);

- e) Retroflexo [ɻ] “são os sons produzidos pela ponta da língua levantada e voltada para trás, de modo que a parte de baixo da língua fique voltada em direção ao palato duro” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.20), este som é conhecido como o ‘r’ caipira; e
- f) Alveolar [r] são os sons cuja “ponta ou a lâmina toca rapidamente a arcada alveolar” (SANTOS; SOUZA, 2010, p.20).

Ainda com relação a realização desses fonemas Brisolara & Semino (2014, p.62) afirmam que:

O fonema /r/ em português costuma se pronunciar como tepe se estiver em posição intervocálica [...] e se segue uma consoante oclusiva ou fricativa que esteja na mesma sílaba. No entanto, o fonema /R/ pode ser pronunciado como fricativa velar, fricativa uvular, fricativa uvular, fricativa aspirada ou vibrante múltipla em posição intervocálica.

A seguir explanaremos sobre o sistema fônico dos róticos na língua espanhola e alguns dos estudos relacionados a eles.

2.1.2 Os róticos no Espanhol

Os róticos do espanhol apresentam apenas duas realizações, sendo elas a vibrante simples /r/ e a múltipla /r/. No entanto, veremos, a seguir, o que os estudos mais atuais esclarecem sobre as possíveis realizações desses fonemas.

Muitos trabalhos realizados por estudiosos que tomam como base a fonologia gerativa, tais como Harris (1983), Mascaró (1986) e Lipski (1990) acreditam que todas as realizações fonéticas das vibrantes estão associadas a um único fonema /r/.

Os trabalhos posteriores realizados no marco gerativo aceitam a função contrastiva dos elementos, mas tentam relacionar todas as realizações fonéticas das vibrantes com um mesmo fonema básico. [...] as diferentes propostas, que diferem segundo os autores e modelos que utilizam, coincidem sempre na determinação da versão simples /r/. (FALGUERAS, 2001, p.18)⁶

⁶ Los trabajos posteriores realizados en el marco generativa aceptan la función contrastiva de los elementos pero intentan relacionar todas las realizaciones fonéticas de las vibrantes con un mismo fonema básico. (...) Las distintas propuestas, que difieren según los autores y modelos que utilizan, coinciden siempre en la determinación de la versión simple /r/. (FALGUERAS, 2001, p.18)

No entanto, sabemos que, para determinar se duas realizações são alofones de um mesmo fonema, aplicamos o princípio da comutação. Quando substituimos um elemento fônico por outro, numa unidade léxica específica e obtemos um significado diferente, estamos falando fonemas distintos. Assim, diferente do que afirma Falgueras (2001), podemos dizer que, no espanhol, existem dois fonemas vibrantes (simples e múltiplo), pois se opõem em posição intervocálica, contexto esse que produzem numerosos contrastes de significado, tais como: *coro/corro*, *cerro/cerro* ou *caro/carro*.

Segundo o modo de articulação, na língua espanhola, os fonemas /r/ e /r/ são classificados como vibrantes pela semelhança de articulação. Silva (1996) explica que os róticos são sons muito frequentes nas línguas e a sua articulação faz com que a troca entre esses sons seja rotineira. Os sons em questão são denominados líquidos, na literatura fonético-fonológica. Segundo Masip (2005), só haverá duas realizações: vibrante simples [r] ou múltipla [r], sendo ambos associados ao ponto de articulação alveolar.

No entanto, Cedeño (2014) afirma que no Espanhol falado na República Dominicana e em Porto Rico, a vibrante múltipla apresenta duas fases de articulação, iniciando com um momento aspirado [h] seguido do tepe alveolar surdo. De acordo com a autora, este é o resultado da aspiração do fonema /r/ aplicada unicamente na metade da geminada /rr/ subjacente. Assim, a palavra *perro*, por exemplo, deixaria de ser pronunciada como [ˈpero] para ser realizada como [ˈpehro]. Por sua vez, Quilis (1981) afirma que a vibrante múltipla do espanhol pode ainda apresentar-se como assibilada, fricativa e faríngea. Esta última, na variedade dialetal de Porto Rico.

Izquierdo (2010) nos mostra informações bastante relevantes sobre a realização dos róticos. A autora afirma que:

Ao longo da geografia americana se produz um fenômeno muito peculiar que afeta as vibrantes. Nos referimos às pronúncias fricativas, sibilantes, vozeadas ou desvozeadas. No segundo caso, quando a sibilante vai acompanhada da perda de sonoridade a

articulação da vibrante se assemelha a de uma sibilante alveolar [s]⁷. (IZQUIERDO, 2010, p. 73)

Observemos a seguir o quadro 2⁸ no qual trazemos as possíveis realizações da vibrante múltipla, segundo o estudo de Izquierdo (2010).

QUADRO 2: Realizações da vibrante múltipla, segundo Izquierdo (2010).

Realização	Zona
Sibilada, geralmente fricativa e desvozeada	Paraguai
Alveolar múltipla	Uruguai
Vibrante múltipla fricativizada	Altiplano Boliviano, parte do Equador e nas terras altas de Nariño (zona de influência quechua).
Articulada como fricativa próxima a [ʒ].	Terras altas andinas do Perú
Sibilação da vibrante	Costa Rica, Guatemala e Honduras.
Vibrante retroflexa	Costa Rica
Vibrante alveolar (mais comum) e/ou fricativa assibilada	Diversas zonas do México
Variante velarizada	Puerto Rico, Cuba, República Dominicana, região da costa da Venezuela e norte do Panamá. Algumas zonas da Costa Rica.

Sobre a vibrante simples, Izquierdo (2010, p.77) esclarece que

Segundo as zonas, a vibrante simples /r/, em posição de distensão silábica, pode ser articulada de modo variado. As variantes abarcam desde a consoante como vibrante simples vozeada até seu desaparecimento, passando por outros processos como a aspiração e assimilação da consoante seguinte. Também pode produzir a sibilação da vibrante acompanhada ou não por um desvozeamento articulatorio⁹.

No quadro 3, apresentamos as possíveis realizações da vibrante simples segundo os estudos da autora citada anteriormente.

⁷ A lo largo de la geografía americana se produce un fenómeno muy peculiar que afecta a las vibrantes. Nos referimos a las pronunciaciones fricativizadas asibiladas, incluso rehiladas, sonoras o sordas. En el segundo caso, cuando la asibilación va acompañada de pérdida de sonoridad la articulación de la vibrante se asemeja a la de una sibilante apicoalveolar [s].

⁸ O quadro foi elaborado pelos autores do artigo como forma de resumir as realizações apontadas por Izquierdo (2010).

⁹ Según las zonas, la vibrante simple /r/, en posición de distensión silábica, puede ser articulada de modo muy variado. Las variantes abarcan desde el mantenimiento de la consoante como vibrante simple sonora hasta su debilitamiento y pérdida, pasando por otros procesos como la aspiración y asimilación a la consoante siguiente. También puede producirse la asibilación de la vibrante, acompañada o no por un ensordecimiento articulatorio.

QUADRO 3: Realizações da vibrante simples, segundo Izquierdo (2010)

Realização	Zona
Desaparecimento do -r (nos infinitivos)	Zonas costeiras do Equador, da Colômbia e Venezuela. Zonas Antillas; Panamá; Zonas argentinas de Corrientes e Misiones, Uruguai e Paraguai.
Neutralização entre a vibrante e a lateral.	Zonas costeiras do Equador, da Colômbia e Venezuela. Zonas Antillas; Panamá; Zonas argentinas de Corrientes e Misiones, Uruguai e Paraguai.
Assimila-se, perde-se ou se confunde com a múltipla.	Zonas do Paraguai
Fricativa e desvozeada	Terras altas andinas do interior da Colômbia
Sibilação da vibrante simples em posição final	Honduras, Guatemala e Costa Rica.

Apesar das possíveis realizações mostradas pelos autores Cedeño (1994), Quilis (1981) e Izquierdo (2010), Brandão (2003) reforça a ideia de que, em espanhol, os róticos são geralmente encontrados de maneira uniforme em todos os dialetos. Apesar das variações existentes, eles são bem específicos e restritos a determinadas zonas.

Moreno Fernández (2000) divide a língua espanhola em oito zonas dialetais, sendo três pertencentes à Espanha (Espanhol Castelhana, Espanhol de Andaluzia e Espanhol de Canárias) e cinco, no continente americano (Espanhol do Caribe, Espanhol do México e Centroamérica, Espanhol dos Andes, Espanhol de la Plata e el Chaco e o Espanhol do Chile). Estas zonas se baseiam nas semelhanças dentro do campo fonético, lexical e gramatical.

No que diz respeito ao uso dos róticos, o autor mostra que a realização padrão em todas as regiões são apenas duas: vibrante simples e vibrante múltipla. As vibrantes, opõem-se somente na posição intervocálica, saindo do plano do significante para o do significado. Já em posição pós-nuclear se neutralizam. Em posição inicial de palavra, costuma-se realizar a vibrante múltipla.

Ainda sobre as vibrantes do espanhol, Carvalho (2004) informa que a vibrante simples não chega a ser considerada uma vibrante, mesmo recebendo tal nomenclatura, pois sua realização é apenas um breve toque do ápice da língua contra os alvéolos, descaracterizando a vibração.

Navarro (1963) afirma que o som da vibrante simples, ou tepe, corresponde a todo 'r' ortográfico que não se encontre precedido pelas consoantes [n], [l] e [s] e pela vogal [e]. Já sobre a vibrante múltipla, Brandão (2003, p.122) descreve sua

realização como “o contato rápido e repetido entre a ponta da língua e os alvéolos, produzindo duas ou mais oclusões e impedindo momentaneamente a saída do ar”.

Para finalizar, falaremos sobre os trabalhos relevantes encontrados no Brasil que tratam sobre a interfonologia dos róticos envolvendo o PB e o espanhol.

3 ESTUDOS ACERCA DOS RÓTICOS NA INTERFONOLOGIA PB-ESPAÑHOL

Alguns trabalhos foram realizados nos últimos anos, envolvendo a interfonologia dos róticos no Brasil. Citamos como trabalhos relevantes Carvalho (2004), Silva (2007) e Milan & Deitos (2016), pois trabalham com a produção de futuros professores de espanhol ou com professores de espanhol como Língua estrangeira já formados.

O trabalho de Oliveira (2006) também merece atenção, pois diferente dos demais que iremos apresentar, trata da aquisição das consoantes róticas por crianças com desenvolvimento fonológico típico, falantes monolíngues do Português Brasileiro e do Espanhol peninsular. A autora acrescenta que sua pesquisa ajuda na “contribuição para o ensino de Espanhol como língua estrangeira a falantes nativos de Português” (2006, p. 5).

Em sua investigação, Oliveira (2006) traça comparações entre a aquisição das consoantes róticas nas línguas em questão, apresentando subsídios para a discussão do seu status fonológico, isto é, se são um ou dois fonemas.

Verificou-se que as crianças, durante o período de aquisição da linguagem, preferiam usar as formas canônicas. O estudo comparativo mostrou o ordenamento de aquisição das consoantes róticas no Português e no Espanhol e constatou-se que há semelhanças entre a aquisição da estrutura da sílaba nestas línguas. Percebeu-se que, com relação a idade, a medida em que a faixa etária dos informantes cresce, há um incremento na produção esperada dos fonemas.

O perfil de aquisição encontrado indicou uma aquisição precoce do /R/ forte em Português entre os 2 e 6 anos, enquanto que no Espanhol acontece entre os 3 e 10 anos. O /R/ forte em Português é uma fricativa e no Espanhol uma vibrante múltipla. Em relação ao /r/ fraco, encontra-se adquirido primeiro em Espanhol.

Já Carvalho (2004) apoia-se na fonética acústica para a realização de sua análise. Tem como objetivo estabelecer as características acústicas que definem as

realizações fonéticas dos róticos, de maneira contrastiva, em diferentes contextos fônicos. Para isso, a autora, utiliza gravações de leitura de textos ou enunciados, em condições laboratoriais, para a constituição do *corpus*.

Seu *corpus* foi constituído por 02 (dois) informantes brasileiros que traziam o 'r' caipira, pois a autora pretendia trabalhar também com essa variante, e 04 (quatro) informantes de Bogotá – Colômbia, que foi a variante adotada pela autora em sua pesquisa para o espanhol. Para a coleta dos dados, a autora realizou gravações de leitura de textos ou enunciados.

A autora tem consciência de que a leitura de textos influencia a realização dos fonemas, quando afirma

Embora a leitura de texto não constitua, propriamente, o que compreendemos por linguagem oral, pois não apresenta a espontaneidade característica dessa modalidade, cremos que, para as finalidades de nosso trabalho, ela pode ser utilizada para representar o estilo formal da língua, possibilitando, ao mesmo tempo, a qualidade das gravações. (CARVALHO, 2002, p.16)

A partir do contexto analisado, notou-se que em espanhol, as consoantes investigadas se manifestam de forma mais homogênea: ou como um toque ápico-alveolar sonoro [r], ou como uma típica vibrante múltipla [r]. No entanto, em português, ao menos na variante observada pela autora, não foi encontrada nenhuma realização que seja caracterizada como vibrante.

Silva (2007) pesquisou sobre a realização das vibrantes na produção oral de aprendizes cearenses de ELE. O trabalho foi realizado com um total de trinta (30) alunos, com diferentes níveis de proficiência. O *corpus* foi formado por três testes de produção: palavras, sentenças e textos. Os testes foram coletados através de gravações. Este trabalho, apesar de produtivo e importante se deteve a uma análise feita através da impressão oitiva.

A análise foi dividida em duas partes, sendo a primeira quando os fonemas vibrantes do espanhol se encontravam em variação livre e a segunda em distribuição complementar. A investigação foi testada com 18 variáveis (01 dependente, 13 linguísticas e 04 sociais).

Os resultados mostraram que a probabilidade do uso adequado da vibrante simples é maior que a múltipla, principalmente quando os contextos da LM

coincidem com os da LE, no entanto, quando isso não acontece se observa que as dificuldades aumentam. Segundo a autora “os problemas com o /r/ se fazem presentes porque do ponto de vista diatópico, ele não existe como fonema nem como variante no nosso falar” (SILVA, 2007, p. 131). Assim, a autora constata marcas da interlíngua na produção oral das vibrantes por estudantes cearenses aprendizes de ELE.

Partindo da hipótese que o falante de espanhol como L2 terá dificuldades para produzir o /r/ vibrante múltiplo, Milan & Deitos (2016) fazem um estudo comparativo, utilizando como sujeitos um falante de espanhol como L1, da variedade madrilena e um curitibano, graduado em Letras com licenciatura dupla em português-espanhol. Os informantes leram enunciados nos diferentes contextos em que a vibrante múltipla aparece em espanhol. As gravações foram realizadas pelo programa *Audacity*, sendo posteriormente analisadas no programa *Praat*.

A análise acústica feita envolvendo as vibrantes levou em consideração o número de aberturas orais realizadas por informante em cada uma das frases e em cada contexto. Também foi calculada a duração da vibrante em cada sentença e contexto.

Diferentemente do que se esperava, o falante não-nativo de espanhol conseguiu produzir, conforme características acústicas indicadas pela literatura da área, as vibrantes múltiplas na variedade madrilena. No entanto, o falante madrileno realizou as vibrantes múltiplas com características acústicas de fricativas ou de *tepe* no lugar de um /r/ múltiplo.

Com relação à duração, devido ao fato de o falante L2 ter produzido maior quantidade de vibrantes múltiplas, o tempo de duração relativa desse segmento sonoro é maior em quase todos os casos. O fato de o informante L1 muitas vezes não produzir a vibrante múltipla acabou interferindo também na duração relativa desse segmento sonoro na palavra.

Através da pesquisa, as autoras apontam para outro estudo sobre a fricativização da vibrante múltipla no dialeto madrileno.

Apesar de os resultados desse estudo não corroborarem a hipótese inicialmente levantada, de que o falante L2 teria dificuldades de produzir a vibrante múltipla do espanhol, o fato de o madrileno estar fricativizando esse segmento sonoro gerou informações que poderão auxiliar em estudos posteriores, mais

aprofundados, sobre a produção deste rótico no espanhol. (MILAN; DEITOS, 2016, p. 62)

No entanto, as autoras têm consciência de que não podem tirar conclusões apenas com um informante e já estão trabalhando em novos estudos para aprofundar tais resultados.

De um modo geral, os trabalhos analisados mostram que os estudantes e professores de ELE apresentam dificuldades para a realização dos róticos desse idioma, sobretudo com relação ao fonema vibrante múltiplo /r/. Em outros casos, o contexto fonotático também pode variar na realização desses fonemas, assim aumentando ou diminuindo a influência PB. Chamamos atenção para o estudo de Milan e Deitos (2016) que diferentemente dos demais trabalhos apresentados, o falante não-nativo (brasileiro) realiza adequadamente os fonemas analisados como descreve as bibliografias a respeito da temática.

Vale salientar que as investigações se baseiam em estudos acústicos e articulatórios e que ambos os ramos da fonética são significativos para os estudos da interfonologia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo geral comparar os sistemas fonológicos dos róticos do espanhol e do português brasileiro (PB) bem como discutir a interfonologia envolvendo aprendizes brasileiros de espanhol língua estrangeira (ELE). Para isso, percorremos um amplo aporte teórico, desde estudos que se detêm na análise dos róticos do sistema fônico do PB e do espanhol, até estudos envolvendo a interfonologia rótica de ambos os idiomas.

Verificamos que tanto no PB quanto no espanhol, devido aos contextos fonotáticos e ao dialeto regional do falante, os róticos podem ser realizados de diferentes modos. O PB apresenta variação mais marcada que o espanhol cujos róticos se resumem, de um modo geral, a duas realizações: vibrante simples e múltipla, com ponto de articulação alveolar.

No entanto, acreditávamos que as realizações dos róticos da língua espanhola se resumissem às duas realizações padrões que trazem, normalmente,

nos materiais didáticos. A análise bibliográfica permite afirmar a existência do dialeto regional e do contexto fonotático do PB na realização das vibrantes do ELE por aprendizes brasileiros. Acreditamos que quanto maior o conhecimento acerca da gramática fonológica da língua materna e de uma língua estrangeira, menor será a dificuldade de produzir os sons da LE estudada.

Além disso, deixamos claro que temos a consciência que este trabalho necessita ainda de aprofundamentos - tanto teórico quanto a nível de análise. Assim, esperamos que outros autores interessados nessa temática desenvolvam novos trabalhos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. *O dialecto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955.

BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

BRANDÃO, Luciana Rodrigues. *Yo hablo. Pero...¿Quién corrige?: A correção de erros fonéticos persistentes nas produções em espanhol de aprendizes brasileiros*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BRISOLARA, Luciene; SEMINO, Maria. *¿Cómo pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: Ejercicios prácticos*. Campinas: Pontes Editores. 2014.

CALLOU, D; LEITE, Y. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 26ed. Petrópolis: Vozes. 1998.

CARVALHO, Kelly Cristiane. *Descrição fonético-acústica das vibrantes no português e no espanhol*. 2004. 213f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

CAVALIERE, Ricardo. *Pontos essenciais de Fonética e Fonologia*. Editora Lucena: Rio de Janeiro, 2005.

CEDEÑO, Rafael. *Fonología Generativa de la lengua española*. Georgetown University Press. 2ª.ed. 2014.

CRISTÓFARO-SILVA, Thais. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Contexto. 2013.

D'INTRONO, Francesco; TESO, Enrique; WESTON, Rosemary. *Fonética y fonología actual del español*. Ediciones Cátedra: Madrid, 1995.

FALGUERAS, Beatriz Blecua. *Las vibrantes del español: Manifestaciones acústicas y procesos fonéticos*. 2001. Tese – Departamento de Filología Española, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona – Espanha, 2001.

FERNÁNDEZ, Juana. *Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica*. Madrid: Arco/libros. 2007.

IZQUIERDO, Milagros Aleza. *La lengua española en América: normas y uso actuales*. Universitat de Valencia, 2010.

JURADO, María; ARENAS, Mónica. *La fonética del español*. Buenos Aires: Quorum. 2005.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *Sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwells, 1996.

LIMA, Márcia Maria. *As Consoantes Róticas no Português Brasileiro com Notas sobre as Róticas das Variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MASIP, Vicente. *Fonología y ortografía españolas: curso integrado para brasileños*. Recife: Bagaço. 2005.

_____. *Fonologia, fonética e ortografia portuguesas*. Rio de Janeiro, E.P.U. 2014.

MILAN, P.; DEITOS, G. *A vibrante múltipla do espanhol produzida por um falante como L1 e outro falante como L2*. Paraná: Revista X, v. 1, p. 47-66, 2016.

MORENO, F. *Qué español enseñar*. Madrid: Arco/Libros. 2000.

MONARETTO, V. O apagamento da vibrante pos-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, mar. 2000.

NAVARRO TOMÁS, T. *Manual de pronunciación española*. 11.ed.Madrid: RFE, 1963.

NASCENTES, A. *O linguajar carioca*. 2. ed. compl. refundida. Rio de Janeiro: "Organização Simões", 1953.

OLIVEIRA, Carolina Cardoso. *Aquisição das consoantes róticas no português brasileiro*. 2006. 175f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-

Graduação em Linguística Aplicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porta Alegre, 2006.

QUILIS, A; FERNÁNDEZ, J. *Curso de fonética y fonología españolas para estudiantes angloamericanos*. 8ªed. Madrid: C.S.I.C, 1975.

QUILIS, Antonio. *Fonética acústica de la lengua española*. Madrid: Gredos, 1981.

_____. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid: Arco Libros. 2010.

ROMERO, A. S. *Lingüística Aplicada*. Bogotá: UNAD. 2008.

SILVA, Kátia Cilene. *Ensino-Aprendizagem do espanhol: O uso interlinguístico das vibrantes*. 2007. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SILVA, Adelaide Hercília Pescatori. *Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano*. Dissertação (Mestrado em Linguística) . Campinas, IEL/UNICAMP, 1996

SOUZA, Paulo; SANTOS, Raquel. In: José Luiz Fiorin. (Org.). *Introdução à Linguística – Vol. II. Princípios de Análise*. 6ed. São Paulo: Contexto, 2010, v.2, p.09-31